



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Julho / Agosto - 2010

VOCAÇÃO E CHAMADO À SANTIDADE

Conforme a Bíblia, a pessoa humana é um ser dotado de corpo, alma e espírito.

Os filósofos, por sua vez, dizem como afirmações ainda hoje: "o homem é um ser racional composto de corpo e alma".

O terceiro elemento bíblico – espírito - pode ser entendido como a "vida do Espírito Santo" na pessoa humana.

A nossa natureza é, pois um ser físico e espiritual. Corpo e alma. Dois elementos o natureza tão diferentes, mas inseparáveis, formando uma única pessoa. Noutras palavras: o homem é um corpo inteligente. É uma alma que tem corpo.

Daí a razão pela qual as necessidades espirituais e corporais merecem o mesmo tratamento, porque ambas tem valor igual. Atingem a pessoa como um todo indivisível. E tem mais, as necessidades corporais influem diretamente nas espirituais. E vice e versa. A fome física, por exemplo, pode impedir o raciocínio que é a ação inteligente, espiritual.

Por outro lado, o raciocínio é que leva a resolver os problemas físicos.

Além disso, a Bíblia afirma que a criatura humana foi feita "a imagem e semelhança de Deus". Ou seja: O Criador fez todas as suas criaturas tendo por modelo o seu próprio e eterno Filho Jesus, que está desde sempre como Deus-Humano na mente do Pai. Jesus é absolutamente indivisível, inseparável nos seus dois elementos: Divindade e Humanidade. E esta, com seu corpo e alma.

Conseqüência: valoriza a vida.

O comportamento de Jesus mostra que Ele não divide a pessoa. Ele se preocupa, ao mesmo tempo e com igual interesse pelo corpo e pela alma das pessoas. Pelos indivíduos em si e em sociedade. Enfim, pela "vida" humana total.

Jesus ensina a oração e exige fé e confiança em Deus. Quer todos desapegados de qualquer bem passageiro. E que seus seguidores não se aflijam com o dia de amanhã...

Ao mesmo tempo, Ele multiplica os pães para os famintos. Transforma água em vinho para alegrar uma festa de casamento. Cura doentes e ressuscita mortos. Defende pecadores e prostituta ensinando sempre o caminho da salvação. Por fim, exige atendimento a todos. Repreende as autoridades que colocam fardos insuportáveis no ombro dos subordinados. Defende os fracos e excluídos. Enfim, quer uma sociedade igualitária.

Assim Ele fez e assim mandou fazer.

Jesus quer Deus reinando no corpo e na alma das

pessoas. Em cada um e nas comunidades. Na sociedade no mundo inteiro. Em todos os povos. Tudo porque o Reino de Deus quer as pessoas completamente "realizadas". Cada uma em si mesma, e junto com seus semelhantes.

Portanto um só interesse deve existir, e um só esforço de todos: que o reino aconteça! E não haja outras intenções que possam afastar alguém desse caminho. Daí o grande convite de Jesus:

"Procurem acima de tudo o Reino de Deus".

E quem pode ajudar a quem?

Sabemos que as alegrias e dores do mundo são muitas e se confundem. Nem é possível distingui-las claramente. São espirituais e corporais. De pessoas e de grupos. Individuais e sociais. Há tanta gente que sofre. Gente que não conhece a mensagem libertadora de Jesus. Gente agarrada ao dinheiro, escravizada pela ganância e egoísmo, e por isso, escravizadora de seus semelhantes. Gente infeliz, porque sem fé em Deus e sem esperança na vida. Todos precisando de conforto e ajuda para acertarem o caminho...

Basta olhar a situação e cada um pode ver e sentir a quem poderá

ajudar.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, percebendo que o número de fiéis aumentava e os apóstolos decidiram: que não convinha deixar de anunciar a palavra para se ocupar em atender a parte social assim procuraram pessoas generosas para fazer esse trabalho. Criaram novos encargos e funções para os Apóstolos não assumirem tudo sozinhos e com o objetivo de todos prestarem algum serviço e não apenas receber.

Ao longo dos séculos o fato foi se repetindo porque o Espírito Santo vai continuamente despertando na Igreja missões novas para atender as necessidades espirituais, corporais e sociais. Para atender os cristãos e não-cristãos de acordo com as diversas situações, que vão se tornando sempre mais complicadas.

Enfim, a Igreja há de ser o espelho de Jesus, o grande servidor da humanidade.

Jesus é sacerdote, profeta e rei. Sendo verdadeiro Deus, verdadeiro Humano, Jesus é o "pontífice", aquele que "faz ponte" ou ligação entre a Divindade e a Humanidade. Ele é o ponto-de-união entre Deus e as criaturas.

Portanto, o único sacerdote, o "mediador" entre Deus e a humanidade, porque Ele é Deus-Humano.

Os chamados sacerdotes o são realmente porque são representantes de Jesus - Sacerdote. De fato



somente Jesus realiza a verdadeira e contínua oferta ou doação de sua própria vida divina e humana ao Pai, em favor das criaturas. Doação que também se denomina “Sacrifício” ou ato “Sagrado”. Doação que custou a Ele a morte na cruz quando nele se completou a reconciliação de Deus com o mundo pecador.

Jesus é também o mensageiro ou profeta anunciador do caminho que leva ao Pai. Aliás, Ele em pessoa é esse caminho. Enfim, Jesus é o Rei que veio anunciar o Reino de Deus. Reino de paz e união, de amor e justiça. Reino que começa e se constrói no tempo, para manifestar na eternidade.

Sacerdote, profeta e Rei. Três “funções” de Jesus. Elas mostram uma profunda realidade na missão de Jesus e ajudam a compreender também a nossa missão Cristã, que baseia nele e junto com Ele se realiza. Sendo um só corpo com o Fundador e Mestre, a Igreja é povo sacerdotal. Cumpre com Jesus a missão de realizar a união de amor entre Deus e as criaturas. Consequentemente a união das criaturas entre si. Como Jesus orou na Última Ceia:

“Pai, por meio da palavra dos meus seguidores o mundo todo há de crer em mim e se tornar um só em nós como Tu e Eu somos Um só”.

Com Cristo, a Igreja é povo profético ou missionário: anuncia a mensagem de Deus e denuncia o que possa estar contra essa mensagem. No cumprimento de sua missão enfrenta como Cristo e com Ele o Martírio, sacrifício total da vida conforme Ele mesmo disse: *“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos... Se o grão de trigo não morre fica sozinho. Se cai no chão e morre, produz muito fruto”.*

Ao longo dos tempos mártires continuam tombando em todo o mundo dando a vida por amor a Cristo.

Por fim, com Cristo Rei, a Igreja é povo régio: Servindo vai construindo o Reino de Deus nas pessoas, famílias, comunidade e nações. Ora “servir é reinar” como repetia Santo Agostinho. E a Igreja – que é Jesus com o povo – reina prestando serviço. Ela vive em si mesma o seu mestre, que afirma: *“Eu sou Rei... Eu vim ao mundo não para ser servido, mas para servir e dar a minha vida a fim de remir e salvar a todos”.*

SERVIÇOS PERMANENTES

Sacerdócio Ministerial

Estamos lembrados de que sacerdócio é mediação ou ligação entre Deus e as criaturas. Ora, somente Jesus, por sua própria natureza divina e humana, é sacerdote no sentido total da palavra. Somente ele “faz ponte” entre o céu e a terra.

Jesus não é sacerdote-representante, como eram os descendentes de Levi. Tanto que ele quis nascer da tribo de Judá. Também para manifestar a sua liberdade total diante de qualquer estrutura humana. Pois ele é o eterno Sacerdote por natureza, o Profeta dos profetas, livre e libertador. E os sacerdotes cristãos são seus representantes.

Ora, os cristãos todos participam dessa missão de Jesus em força do sacramento do Batismo, e mais intensamente pela Crisma. Com Jesus, eles podem e devem conduzir seus semelhantes para Deus, e levar Deus para seus semelhantes. Nisso consiste o “sacerdócio cristão” de todos os fiéis batizados.

Além do mais, cada cristão a sua vocação particular. E dentre ele, alguns são chamados por Deus para exercerem o “sacerdócio ministerial”: um serviço permanente ao povo, serviço de tempo integral e por toda a vida.

Tudo isso está claro na vida e ensinamentos de Jesus. Ele havia preparado seus discípulos e apóstolos com instruções e experiências. E os enviou diversas vezes em missão. Depois, juntamente com ele, fazia a revisão do trabalho realizado. Por fim, quando estava para subir ao céu, falou-lhes:

“Esperem o Espírito do meu Pai, que eu mesmo vou mandar para vocês. Ele explicará claramente tudo o que eu tenho ensinado. E vocês receberão dele a força que vem do Alto”.

Essa força do Espírito Santo, além de ensinar, se espalha como verdadeira unção. O óleo fortalece o corpo, para torná-lo sadio, ágil, disposto e disponível. Assim, o Espírito Santo se “derrama” como óleo na pessoa, dando-lhe a capacidade e os poderes necessários para cumprir tudo o que o mesmo Espírito Santo lhe confia.

Pois bem. Os apóstolos foram ensinados e ungidos pelo Espírito Santo. Receberam dele a missão de começar, juntamente com os outros discípulos e discípulas, a evangelização do mundo. Cabia aos apóstolos o poder, o direito e o dever de presidir à comunidade cristã principiante. E de transmitir a outros o mesmo poder, direito e dever, porque o mandato recebido de Jesus urge sempre, “até o final dos tempos”.

Ora, os apóstolos transmitiram esse poder mediante a “imposição das mãos”. Maneira antiga de pedir a bênção divina, esse gesto simples é que constitui essencialmente o sacramento da Ordem. É repetido somente pelos bispos, com o mesmo poder dos apóstolos, com a intenção de dar os três ministérios ordenados: bispo, padre e diácono.

VOCAÇÃO MINISTERIAL

Bispo

Sua missão é servi a comunidade. O livro dos Atos dos Apóstolos mostra um profundo desejo: que a comunidade cristã sempre tem uma vida comum e fraterna para animar e conservar essa vida entre os cristãos, surgiu logo o serviço do bispo ou episcopo, palavra que significa “vigilante”. Em linguagem mais bíblica, é o ministério do “pastor”, que acompanha, defende e alimenta o rebanho.

Tal como Bom Pastor Jesus, assim faziam os apóstolos. E o mesmo deve fazer os seus sucessores. Ficam sempre lado a lado com suas ovelhas prontos para dar a vida por elas. São “servidores” que consagram inteiramente tudo que sabem, tudo que são, até o sacrifício da própria vida, para o bem do povo.

Realmente, ser bispo é prestar serviço à comunidade. Para isso, ele recebe a ordem do episcopado, que o consagra inteiramente a Deus e ao povo.

Ele é o primeiro responsável pela comunidade, pois lhe cabe a função de acompanhá-la no conhecimento e prática da mensagem de Jesus. Compete principalmente ao bispo distribuir, direto ou indiretamente, as várias funções na Igreja.

O bispo, somente ele, confere o sacerdócio ministerial, que é transmitido de maneira completa, quando ele “ordena ou consagra” novos bispos. Ou transmite de maneira incompleta, quando ordena “presbíteros e diáconos”.

Sem dúvida, o serviço dos bispos é o mais difícil, pois requer dele muita renúncia muito tato ou sabedoria, total dedicação, e muitas vezes até o martírio. Por isso, ele merece a compreensão e o apoio de todos, e precisa estar disposto ao diálogo e a ouvir e acatar correção fraterna, venha de onde e de quem vier.

Santo Agostinho assim resumia essa missão do

pastor entre as ovelhas:

“Para vocês eu sou pastor. Com vocês, eu sou cristão”.

Ensinar, Santificar e Governar

Jesus age entre os homens, o seu Espírito Santo distribui os vários serviços, entre os quais o de “pastorear”, que cabe primeiramente unidos ao Papa, como representantes do mesmo Jesus. Pois bem. Três termos resumem a missão dos bispos com o Papa: ensinar, santificar e governar.

O bispo ajuda a comunidade a crescer na fé buscando o verdadeiro ensinamento de Jesus exatamente naquele “depósito da fé” transmitido pelos apóstolos. Depósito que se chama tradição apostólica, da qual a Bíblia é parte fundamental.

Tradição Apostólica, e nela a Bíblia, são as duas fontes inseparáveis da revelação.

Acontece que o ensinamento dos apóstolos se vai tornando cada vez mais claro através dos muitos “fatos reveladores”, que o próprio Jesus denomina “sinais dos tempos”. É ele repetindo: *“Eu ensinei os profetas desde o início, e não cesso de falar a todos”*.

Tal serviço de receber, administrar e distribuir a palavra de Deus, os pastores o exercem de maneira solene durante os concílios ecumênicos. Isso, depois de ouvir a comunidade, como fizeram os apóstolos no Concílio de Jerusalém.

É exatamente nos concílios que os bispos, junto com o Papa, cumprem o seu “magistério ou ensino extraordinário”. Aí eles propõem a mesma doutrina de fé para crer e de moral para viver, tal como receberam de Jesus através dos apóstolos.

Por outro lado, no dia-a-dia, eles vão aprendendo com a comunidade, para explicar e aplicar, sempre com mais clareza, o mesmo ensinamento, através do “magistério ordinário ou comum”.

Compete também a bispo santificar as pessoas e comunidade, procurando fazer que elas tenha vida de união com Deus.

Eles cumprem essa missão, de modo especial quando distribuem os sacramentos, em nome da comunidade e unidos a outros ministros e ministras.

Desta maneira, os pastores comunica a vida de Deus ao povo.

Além disso, outro sinal dessa vida é bênção que o bispo distribui como pastor, e toda oração que ele necessariamente faz, por dever de ofício em favor do povo.

Por fim sempre unidos ao Papa os bispos orienta a Igreja toda. É a terceira função, não menos importante, e certamente a mais espinhosa: governar, ou seja: presidir, acompanhar, proteger, defender, corrigir o povo de Deus, para o conservar sempre unido.

Assim, o bispo ajuda cada fiel, e as comunidades a cumprir os ministérios e os serviços que a Igreja lhes confia, para o bem da comunidade mesma e para a evangelização do mundo.

Serviço Colegiado

Os bispos não agem isoladamente mas juntamente com o Papa que é o bispo de Roma, tem a missão “colegiada” ou grupal de ensinar, santificar e governar a Igreja toda. Eles formam o “Colégio ou grupo unido”, para o cumprimento dessa missão recebida de Cristo através dos apóstolos.

Cada um dos bispos é responsável direto pela sua Igreja particular. Mas, também nisso, unido ao Papa e aos outros bispos do mundo inteiro. Porque _ é bom

relembrar _ a Igreja particular é a própria Igreja universal “localizada”, que acontece inteira em cada território ou circunscrição.

Mais que “território”, a Igreja particular é uma “porção” do único e indivisível povo de Deus. Por isso, quando se diz “bispo” de tal diocese, entende-se “bispo da Igreja católica em tal lugar”. Como Papa é o bispo da Igreja em Roma.

Aqui surge a questão “primado”.

Entre os bispos, o Papa tem um ministério especial somente seu: ele é o animador e coordenador dos outros bispos. Como a oração de Jesus garantiu ao primeiro Papa e sucessores:

“Pedro, eu orei por ti, para que a sua fé não desfaleça. Então confirme teus irmãos”.



Esse direito e dever de confirmar na fé e na caridade os outros bispos, não deixa esquecer o exemplo do mestre, que lavou os pés dos seus apóstolos. Daí porque o Papa “não exerce supremacia de orgulho espiritual e domínio humano, mas o seu primado é de serviço, ministério e amor”.

Quanto maior a autoridade, melhor serviço deve prestar a maior número de pessoas. É tão pesado o cargo que pastorear sozinho a Igreja seria exagerada pretensão. Realmente, quem governa a Igreja é um “colegiado ou colégio” de bispos, como insistia Paulo VI.

Naturalmente, não se pode esquecer que os bispos com o Papa são representantes de Jesus. É Jesus o único Pastor, a quem pertence o rebanho ou povo de Deus. Como Ele afirmou a Pedro:

“Tu és pedra. Sobre esta pedra eu vou construir a Igreja que é minha”.

E no final dizia a todos:

“Eu estarei convosco até o final dos tempos”.

Portanto, é Jesus em pessoa que realmente ensina, santifica e governa sempre a sua Igreja, através dos pastores-representantes.

Na sua Igreja partícula de Roma, o Papa é um bispo diocesano como os demais. Aí ele ensina, santifica e governa.

Para isso, coordena, acompanha, incentiva, orienta. Mas, nada disso ele faz sozinho ou por própria conta. Os bispos e o Papa devem consultar o povo, tem

obrigação de escutar o povo a respeito de tudo o que pretendem fazer. Também porque a comunidade que vai sentir “na pele” as decisões tomadas por eles.

Portanto: orientações, diretrizes, conclusões e leis, é preciso que a comunidade conheça e discuta antes de ser aprovadas e promulgadas. Afinal, é para a comunidade e com ela que os ministros devem agir. Devem consultar o povo porque eles existem para servir o povo cristão, e não o povo para servir a eles.

Também o apóstolo Paulo já dizia aos anciãos de Éfeso:

“Vocês foram colocados pelo Espírito Santo para serem os guardiões que cuidam do povo de Deus”.

E como guardar e vigiar sem conhecer o povo e suas necessidades E como conhecer, sem ouvir e consultar?

PADRE: DIRIGENTE E ANIMADOR, QUEM É?

Presbítero, como diz o nome é o “ancião”. Ele é o “irmão mais velho”. O presidente ou diretor. Tem a ordem do presbiterato, para dirigir a comunidade, em nome do bispo, que é o presidente da Igreja particular. Acontece que esta se realiza concretamente em cada uma de suas divisões maiores ou menores: paróquias, áreas ou setores pastorais, capelas, comunidades religiosas de irmãs ou irmãos, comunidades eclesiais de base.

Escolhido no meio da comunidade o presbítero é encarregado pelo bispo para ajudá-la a crescer na fé e na fraternidade. Ora, o povo compreende muito bem a missão do seu presbítero. Tanto que lhe dá o nome para exprimir exatamente o que ele precisa ser: “padre”. Quer dizer: Pai, ou melhor, “animador”.

O padre é realmente o amigo e coordenador da comunidade, dentro da qual procura comunicar e fazer que aumente a vida na fé, aliás, a palavra alma ouvida, na sua origem, se diz “anima”. Daí o termo “animador”: aquele que dá a vida.

Os padres são cooperadores da “ordem episcopal”. Eles vivem o pleno sacerdócio ministerial. Só não transmite a outros a mesma faculdade sacerdotal, função transmissora que é exclusiva do bispo.

São várias as funções do padre:

Ele é “evangelizador”. Com a palavra e o exemplo ou testemunho de vida, o padre anuncia o reino de Deus e denuncia corajosamente tudo que se opõe ao Reino.

Com o fruto da evangelização dá a vida de Deus mediante ao batismo. Como educador na fé catequiza e acompanha os fiéis, prepara os cristãos para o crisma, podendo também conferir esse sacramento, normalmente dado pelo bispo, ministra o sacramento da reconciliação ou penitência. Fortalece os fiéis com alimento da palavra e da Eucaristia. Procurando orientar a todos na busca da vocação, animando a todos a cumprir com responsabilidade suas funções, orienta as famílias a viverem cristãmente, acompanha e conforta os enfermos animando os doentes na hora final, com toda comunidade oferece sufrágio pelos falecidos, abençoa os restos mortais que foram templo de Deus. Enfim, seu próprio ministério permanente, o padre conta com a participação e colaboração indispensável de numerosos outros servidores do povo de Deus: ministros da Eucaristia, da catequese, da comunicação, dos enfermos, das exéquias...

Como bom coordenador, o padre procura promover a vida cristã em qualquer situação. “O bom administrador que tira de seu baú valores novos e antigos, como falou Jesus”. É árdua e difícil, porém consoladora e gratificante a missão do padre.

DIÁCONO: SERVIDOR DOS POBRES

Ele une culto e serviço fraterno

Ministério diaconal permanente ele é na comunidade um sinal vivo e atuante que manifesta a imensa caridade de Jesus para com os necessitados, aliás, diácono significa exatamente servo ou servidor.

Ele recebe a ordem do diaconato, que lhe confere a missão especial e permanente de servi os pobres. Ele é o lado mais social do sacerdócio, porque assume particularmente “o serviço de assistência e promoção humana”. Como padre é o lado mais espiritual, embora não único no seu ministério presbiteral.

Claro que a “especialidade” não impede, tanto padre como diácono, de cuidar dos dois lados da vida humana: espiritual e social. Concílio Vaticano II afirma:

“O diácono recebe o sacramento da ordem ou imposição das mãos, para se dedicar ao serviço da caridade e administração”.

Eis o motivo porque ele também faz parte do governo ou hierarquia da Igreja, lado a lado com o bispo e o padre. No entanto, ainda mais do que estes, o diácono fica “inserido”, mergulhado entre os leigos, incentivando o bispo e o padre a viverem cada vez mais junto ao povo.

Portanto, o diácono é como ligação entre o governo ou hierarquia da Igreja e os demais cristãos, quase para lembrar continuamente um fato de importância fundamental: um sacerdócio cristão, bispos, padres, diáconos e leigos formam todos juntos um só povo de Deus. Porque todos são movidos pelo Espírito Santo para viverem uma só fé, um só batismo, uma só missão.

Com seu testemunho e ação, o diácono é um sinal muito particular na Igreja: ele mostra, na sua pessoa e missão, que os dois lados da vida humana _ pessoal e social _ são absolutamente inseparáveis.

No livro dos atos, a Bíblia mostra como viviam e agiam os “sete” escolhidos como modelos para todos os diáconos permanentes de hoje.

São funções principais do Diácono:

Promover a iniciação cristã da comunidade, animando e coordenando a preparação para o batismo e outros sacramentos para as primeiras funções de cada fiel na mesma comunidade.

Batizar, ler o Evangelho na celebração Eucarística, servir no altar, orientar o culto, anunciar a mensagem e denunciar tudo que vai contra ela.

Presidir oficialmente a celebração do matrimônio.

Orientar e coordenar a catequese.

E principalmente: animar os serviços de promoção humana e assistência social.

Nesta última função, o diácono precisa ser “especialista”.

Na verdade, qualquer cristão é capaz e tem oportunidades de exercer normalmente todas as funções do diácono. Todavia, ele as cumpre “em força do sacramento da Ordem”, que o credencia de maneira oficial, permanente e vitalícia, como “sinal sacramental da caridade”.

O diácono não é substituto do padre. Ele tem sua missão própria, embora possa cumprir algumas funções do padre, em caso de necessidades.

O diácono tem a preferência pelos pobres. Ele é o servidor preferencialmente dos mais necessitados. Por isso, ele procura a justiça, a promoção e assistência social, a defesa dos direitos humanos, e assume as dores de operários e camponeses. É particularmente assim que

ele cumpre a sua missão de evangelizar: promovendo o desenvolvimento integral de pessoas e grupos.

Por isso, o diácono deve constantemente lembrar aos outros que todos temos uma tremenda “dívida social” para com os mais sofridos.

Concluindo

Então seria correto falar de três ministérios sacerdotais: bispo, padre e diácono?

Absolutamente não. Cada um no seu grau com funções particulares, os três ministérios formam unidos o único “sacerdócio ministerial”. Um só serviço “ordenado” para atender ao povo de Deus e ao mundo inteiro. Um serviço permanente, durante a vida toda.

Os três ajudam o povo a viver cada dia mais intensamente com eles a vida e missão cristãs, ambas constituindo em Cristo “o sacerdócio para sempre” do salmo 109.

Bispo, padre e diácono, cada um na sua especialidade, porém sempre unidos, cumprem serviço parecido com o ministério dos apóstolos como diz São Paulo:

“Que nos considerem servidores de Jesus Cristo e administradores dos mistérios de Deus. E o que se exige do administradores é que cada um seja fiel”.

Ou, como recomenda a 1ª Carta de São Pedro:

“Todos vocês, conforme o dom que cada um recebeu, se consagrem ao serviço um dos outros, como bons administradores das muitas formas da graça de Deus”.

Portanto, o que se espera dos ministros ou servidores de Deus e do povo, é a fidelidade até o fim.

Desta forma, lado a lado com todo o povo cristão, os ministros ordenados podem e precisam levar a graça de Deus a todas as nações.

Os três ministros ordenados recebem o nome de “Clérigos”. Eles formam o clero, palavra que significa: “herança”. Interpretando: “herança de Deus”. Herdeiros do serviço ao povo de Deus.

Os demais cristãos são todos “leigos”. Eles formam o Laicato que quer dizer: “povo”. Deduzindo: “povo da aliança”. Aliados de Deus.

Os leigos tanto quanto os clérigos podem e precisam conhecer cada vez melhor os assuntos da fé e participar ativamente da vida e missão cristãs.

A Igreja não é “clerical”, onde os clérigos definem e decidem, para os leigos apenas escutarem e cumprirem ordens.

Toda ela é “serviçal ou ministerial”. Cada cristão _clérigo ou leigo_ tem sua função diferente, mas sempre ativa e de igual valor: todos em “circulo” ao redor de Jesus, o único mestre e Senhor.

Por outro lado, os leigos, ao assumirem algum ministério, não se tornem “dominadores”. Exatamente aquilo mesmo que eles condenam no clero, nem sempre justamente.

Laicato e clero não esqueçam que a ânsia de poder desvia a fé e a razão.

As três funções dos ministros ordenados_ bispo, padre, diácono_ se cumpre unidas a serviço da evangelização, de maneira permanente, são ministérios nascidos do sacramento da ordem. Os três, juntamente com o povo, são missionários que devem anunciar a mensagem aos não-cristãos.

Por outro lado, Laicato, com seus ministérios leigos. Não dependem diretamente do sacramento da ordem, mas, de certa forma, estão ligados a ele em força do batismo, da crisma e da Eucaristia.

E os ministérios leigos, como e onde se exercem?

Principalmente fora da comunidade cristã. O campo próprio da atividade evangelizadora dos leigos é o

mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação social, e ainda outras realidades abertas para evangelização, como por exemplo: o amor, a família, o trabalho profissional e o campo imenso do sofrimento, os enfermos... Também os leigos são chamados a colaborar com seus pastores no serviço da comunidade cristã para que ela cresça e tenha muito mais vida. E isso através de muitos ministérios bem diferentes. De acordo com a graça e os carismas que o Senhor Jesus houver por bem confiar a eles.

Assim, no campo interno da Igreja, numerosos encargos podem ser confiados a leigos: coordenação, promoção e assistência social, catequese, educação religiosa.

Enfim, aos ministros ordenados principalmente para organizar e desenvolver a comunidade cristã. E há os ministros leigos, particularmente num vasto mundo civil. São dois campos que exigem ser vistos diferentes, porém sempre unidos.

De fato, os dois servidores _ordenados e leigos_ exercem uma só e inseparável ação evangelizadora. Porque, leigos e ordenados formam, juntos com o povo, uma só Igreja, que precisa viver o Evangelho e ao mesmo tempo levá-lo para todos os povos.

Convém lembrar: a presença do sacerdote jamais deixa o leigo sem função. Eles não se excluem. Ao contrário, se completam cada um na sua própria missão.

É a história mesma da Igreja que garante: os leigos, quando participam ativamente, estão exercendo o seu “sacerdócio comum”, pelo qual todo cristão toma parte na missão de Jesus sacerdote, profeta e Rei-servidor.

VIDA CONSAGRADA

Realmente, entre os serviços comunitários da Igreja destaca-se o ministério da vida consagrada: institutos seculares, congregações e ordens. Aqui agrupamos todos com o nome comum de “congregações religiosas”.

Pois bem o ministério de todas elas não é confiado a uma pessoa em particular mas colegialmente ao grupo.

Cada congregação tem o seu carisma fundacional. Aquele dom concedido por Deus e que revela através do fundador.

Carisma fundacional, portanto, é um dom grupal para servir ao povo em um determinado campo de ação apostólica.

Há congregações que se dedicam aos enfermos como os camilianos e camilianas.

Numerosas outras atendem ao ensino em seus diversos níveis e graus, desde o elementar ao universitário.

Muitíssimas cuidam de necessitados: menores abandonados, excepcionais, migrantes, bóias-frias, favelados, anciãos, mendigos, prostitutas, encarcerados...

Outras se empenham em trabalho pastoral em paróquias: no cultivo da liturgia; na promoção vocacional para todos os apostolados, no ensino aos jovens, particularmente mais pobres.

Diversas congregações destacam religiosos e religiosas para viverem diretamente “inseridos” em bairros de grande pobreza.

Algumas se consagram aos pequenos e grandes meios de comunicação social.

Há aquelas que se destinam às missões no estrangeiro ou mesmo dentro do país: são congregações genuinamente “missionárias”.

Enfim, compete às congregações “abrir caminhos, ocupar espaços vazios, comprometer na transformação social, sempre em vista o Reino de Deus”.

E para transformar, elas precisam se renovar dia-a-dia.

Ação em várias fases passo - a - passo até chegar a uma consagração especial aspirantes, postulantes e noviços: são aqueles e aquelas que iniciam na ação e convivência, preparando-se para exercerem o trabalho apostólico de suas respectivas congregações.

Em seguida, fazem os “votos religiosos” de pobreza, castidade e obediência. Assim, reforçam as promessas e compromissos do batismo e da crisma. Decididamente, assumem o carisma de sua congregação religiosa como “profissão”, ou melhor, como “missão”.

Durante o período de profissão temporária chamam-se juniores juniores, até assumirem a missão “para sempre” com a profissão dos votos perpétuos.

“Com seu testemunho silencioso de pobreza e despojamento, de pureza e transparência, de entrega e obediência, os religiosos se tornam automaticamente uma pregação que convence, que toca o coração até dos não-crentes”.

Os votos que fazem de pobreza, castidade e obediência são frutos do amor. Afinal, e amor que está sempre na raiz. É por causa do amor que eles e elas assumem a sua consagração a Deus e ao povo.

Os votos são também meios que esse amor cresça sempre mais em cada pessoa e na comunidade.

Assim, as pessoas e comunidades consagradas fazem a Igreja tornar-se grande, para abrigar todos os povos, que vivem como pássaros sem ninhos e sem sombra.

Cada congregação procura imitar Jesus Cristo sob determinado aspecto; mestre, comunicador, pastor redentor, amigo dos enfermos, dos pobres, dos migrantes dos marginalizados...

Esse esforço de imitação é que manifesta o carisma próprio de cada congregação. Carisma que transparece da espiritualidade ou maneira de orar própria de cada congregação. Essa espiritualidade é que vai despertando o apostolado e dando a ele feições particulares. E o apostolado, por sua vez posto em prática, mostra e demonstra o maior ou menor grau atingido na vida espiritual.

Naturalmente, qualquer espiritualidade e apostolado se baseiam no único Evangelho de Jesus.

O religioso não segue a Jesus, somente na oração pessoal e na contemplação. Nem segue apenas o Cristo, o Ungido, só pensando em atender aos outros. Ele vive Jesus Cristo total: o místico, sempre unido em contínua oração ao Pai; e ao mesmo tempo, o missionário constantemente preocupado e ocupado com o “mundo dos homens”.

O nome de Jesus faz pensar na pessoa. O título Cristo lembra a missão. Por isso, o cristão verdadeiro, e mais ainda o religioso, segue Jesus Cristo: pessoalmente místico e socialmente missionário.

A MAIOR VOCAÇÃO DO CRISTÃO É O CHAMADO À SANTIDADE

CHAMADO À SANTIDADE

Desde a Antiga Aliança, realizada através dos Patriarcas, Deus chama o povo à santidade:

“*Eu sou o Senhor quem vos tirou do Egito para ser o vosso Deus. Sereis santos porque Eu sou Santo*” (Lv 1,44-45). O desígnio de Deus é claro: uma vez que fomos criados à sua “*imagem e semelhança*” (Gen 1,26), e Ele é Santo, nós temos que ser santos também. O Senhor não deixa por menos. A medida e a essência dessa santidade é o próprio Deus. São Pedro repete essa ordem dada ao povo no deserto em sua primeira carta, convocando os cristãos a

imitarem a santidade de Deus:

“*A exemplo de santidade daquele que vos chamou, sede também vós santos, em todas as vossas ações, pois está escrito: Sede santos, porque Eu sou Santo*” (1Pe 1,15-16). S. Pedro exige dos fiéis que “*todas as vossas ações*” espelhem esta santidade de Deus, já que “*vós sois, uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus a fim de que publiqueis o poder daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa*” (1Pe 2,9). Para São Pedro a vida de santidade era uma imediata consequência de um povo que ele chamava de “*quais outras pedras vivas...materiais deste edifício espiritual, um sacerdócio santo*” (1Pe 2,5).

Neste sentido exortava os cristãos do seu tempo a romper com a vida carnal: “*luxúrias, concupiscências, embriaguês, orgias bebedeiras e criminosas idolatrias*” (1Pe 4,3), vivendo na caridade, já que esta “*cobre a multidão dos pecados*” (1Pe 4,8).

Jesus, no Sermão da Montanha chama os discípulos à perfeição do Pai:

“*Sede perfeitos assim como o vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5,48). Essas palavras fazem eco ao que Deus já tinha ordenado ao povo no deserto: “*Sede santos, porque Eu sou Santo*” (Lv 11,44). Jesus falava da bondade do Pai, que ama não só os bons, mas também os maus, e que “*faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos*” (Mt 5, 45). Jesus pergunta aos discípulos: “*se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?*” (46). Para o Senhor, *ser perfeito como o Pai celeste*, é amar também os inimigos, os que não nos amam. “*Amai os vosso inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e vos maltratam*” (44). E mais ainda: “*Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferecelhe também a outra*” (39).

Sem dúvida não é fácil viver essa grande exigência que Jesus nos faz, mas é por isso mesmo que ao cumpri-las vamos nos tornando santos, perfeitos, como o Pai celeste.



Todo o Sermão da Montanha, que São Mateus relata nos capítulos 5,6 e 7, apresenta-nos o verdadeiro código da santidade. É como dizem os teólogos, a “*Constituição do Reino de Deus*”. Santo Agostinho nos assegura que:

“*Aquele que quiser meditar com piedade e perspicácia o Sermão que nosso Senhor pronunciou no Monte, tal como o lemos no Evangelho de São Mateus, aí encontrará, sem sombra de dúvida, a carta magna da vida cristã*” (CIC, Nº 1966).

É por isso que na festa de todos os santos a Igreja nos faz ler no Evangelho, as Bem aventuranças, que são o

início, e como que o resumo, de todo o Sermão da Monte.

É importante perceber que São Paulo começa quase todas as suas cartas lembrando os cristãos do seu tempo que são **chamados à santidade**. Aos romanos, logo no início, ele se dirige dizendo: *“a todos os que estão em Roma, queridos de Deus, chamados a serem santos...”* (Rom 1,7). Aos coríntios ele repete: *“à Igreja de Deus que está em Corinto, aos fiéis santificados em Cristo Jesus chamados à santidade com todos...”* (1Cor 1,2). Aos efésios ele lembra, logo no início, que o Pai nos aconselhou em Cristo *“antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante de seus olhos”* (Ef 1,5). Aos filipenses ele pede que: *“o discernimento das coisas úteis vos torne puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo”* (Fil 1,10).

“Fazei todas as coisas sem hesitações e murmurações a fim de serdes irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus íntegros no meio de uma geração má e perversa” (Fil 2,14).

Para o Apóstolo a santidade é a grande vocação do cristão. Ele diz aos Efésios:

“Exorto-vos pois(...) que leveis uma vida digna da vocação a qual fostes chamados, com toda humildade, mansidão e paciência” (Ef 4,1). De maneira mais clara ainda ele fala aos tessalonicenses sobre o que Deus quer de nós:

“Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação; que eviteis a impureza; que cada um de vós saiba possuir o seu corpo em santificação e honestidade, sem se deixar levar pelas paixões desregradas como fazem os pagãos que não conhecem a Deus” (1 Tess 4,3-5).

Aos cristão de Corinto, Paulo volta a insistir na sua segunda carta:

“Purifiquemo-nos de toda a imundice da carne e do espírito realizando a obra de nossa santificação no temor de Deus” (2Cor 7,1). Para o Apóstolo a santificação de cada um é como a realização de uma obra muito importante.

E também a carta aos Hebreus, escrita por São Paulo ou algum dos seus discípulos, nos manda procurar a santidade:

“Procurai a paz com todos e ao mesmo tempo a santidade, sem a qual ninguém pode ver o Senhor” (Heb 12,14).

Todas essas passagens da Sagrada Escritura, e muitas outras, deixam claro a nossa vocação para uma vida de santidade. Santa Teresa de Ávila afirma que: *“o demônio faz tudo para nos parecer um orgulho o querer imitar os santos”*. A santidade ainda não é um fim, mas o meio de voltarmos a ser *“imagem e semelhança”* de Deus, conforme saímos de suas mãos.

São Paulo ensina na carta aos romanos que Deus nos quer como autênticas imagens de Jesus:

“Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos” (Rom 8,29).

A santificação, portanto, consiste em cada cristão se transformar numa cópia viva de Jesus, *“um outro cristão”* como diziam os santos Padres.

Quando a imagem de Jesus estiver formada em nossa alma, então teremos chegado à meta que Deus nos propõe. É aquele estado de vida que levou, por exemplo, São Paulo a exclamar: *“Eu vivo, mas já não sou mais eu, é Cristo que vive em mim. A minha vida presente na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus”* (Gal 2,20).

Jesus sofreu toda a sua Paixão e Morte para que recuperássemos diante do Pai a santidade. É o que o Apóstolo nos ensina: *“Eis que agora Ele vos reconciliou pela morte de seu corpo humano, para que vós possais apresentar santos, imaculados, irrepreensíveis aos olhos do Pai”* (Col 1,22).

RESPOSTA AO AMOR DE DEUS

É o amor a Deus que nos leva à santidade. Só por amor ao Senhor, que nos criou e nos resgatou, é que seremos impulsionados, por dentro, a buscar uma vida perfeitamente conformada com a sua santa vontade.

Disseram os santos doutores, ente ele S. Afonso de Ligório, São João da Cruz, S. Francisco de Sales, S. Agostinho, S. Teresa, e outros, que a busca da santidade, acima de tudo, consiste em *se cumprir perfeitamente a vontade de Deus em nossa vida*. E isto significa duas coisas:

1 – Viver a Lei de Deus, resumida nos Mandamentos, apresentada nos Evangelhos e ensinada pela Igreja católica, que recebeu de Jesus a missão de ensinar, sem erro, a sua doutrina.

2 – Aceitar com paciência, fé e resignação tudo o que Deus permite que aconteça conosco nesta vida, para a nossa santificação e Sua glória. Essa duas tarefas não são nada fáceis, e só teremos ânimo para vivê-las se a isto nos impulsionar o amor a Deus.

O OBSTÁCULO À SANTIDADE

Buscar a santidade é lutar contra o pecado, pois ele é a grande muralha que nos separa de Deus e nos impede de sermos santos.

O Catecismo da Igreja diz, sobre a gravidade do pecado:

“Aos olhos da fé, nenhum mal é mais grave do que o pecado, e nada tem conseqüências piores para os próprios pecadores, para a Igreja e para o mundo inteiro” (N. 1488).

Deus disse a Santa Catarina de Sena: *“O pecado priva o homem de Mim, sumo Bem, ao tirar-lhe a graça”*.

São Paulo é muito claro: *“O salário do pecado é a morte”* (Rom 6,23). Tudo o que há de mal na história do homem e do mundo é consequência do pecado, que começou com Adão. Diz o apóstolo: *“Por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”* (Rom 5,12). Toda a razão de ser da Encarnação do Verbo foi para destruir, na sua carne, a escravidão do pecado. *“Como imperou o pecado na morte, assim também imperou a graça por meio da justiça, para a vida eterna, através de Jesus Cristo, Nosso Senhor”* (Rom 5,21).

O demônio escravizou a humanidade com a corrente do pecado. Jesus veio exatamente para quebrar essa corrente. São João deixa bem claro na sua carta:

“Sabeis que Ele se manifestou para tirar os pecados” (1Jo 3,5). *“Para isto é que o Filho de Deus se manifestou, para destruir as obras do diabo”* (1Jo 3,8).

Essa *“obra do diabo”* é exatamente o pecado, que nos separa da intimidade e da comunhão com Deus, e nos rouba a santidade. Esta implica, portanto, no *“rompimento com o pecado”* e na observância da lei de Deus, por amor a Deus que nos redimiu. Com a sua morte e ressurreição triunfante Jesus nos libertou das cadeias do pecado e, pela sua graça podemos agora viver uma nova vida. É o que São Paulo ensina na carta aos colossenses: *“Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus”* (Col 3,1). Aos romanos ele garante que *“já não pensa mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus”*.

A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte (Rom 8,1). Aos gálatas o Apóstolo diz: *“É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão”* (Gal 5,1).

A respeito disso, diz Santa Catarina de Sena:

“Tão grande é a liberdade humana, de tal modo ficou fortalecida pelo precioso sangue de Cristo, que demônio ou criatura alguma pode obrigar alguém à menor culpa, contra o seu parecer. Acabou-se a escravidão, o homem ficou livre”.

A vitória contra o pecado custou a vida do Cordeiro de Deus. Assim São João Batista O apresentou: *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (Jo 1,29).

Todos aqueles que querem dar outro sentido à vida de Jesus, que não o daquele que *“tira o pecado do mundo”*, esvaziam a sua Pessoa, a sua missão e a missão da Igreja. A partir daí a fé é esvaziada e toda a *“sã doutrina”* é pervertida. Daí, por exemplo, o perigo da *teologia da libertação*, que, na sua essência, substituiu o Cristo Redentor do pecado, por um Cristo apenas libertador dos males sociais. Os judeus não reconheceram Jesus como o *Cristo de Deus*, exatamente porque esperavam um Messias libertador político. Quando Jesus se apresentou como *“Aquele que tira o pecado do mundo”*, com o sacrifício de si mesmo, se escandalizaram e o pregaram na cruz como um farsante.

Assim como a missão de Cristo foi libertar o homem do pecado, a missa da Igreja, que é o seu Corpo místico, a sua continuação na história, é também **libertar a humanidade do pecado** levá-la à santificação. Fora disso a Igreja se esvazia e não cumpre o seu papel dado pelo Senhor.

Santa Catarina de Sena, doutora da Igreja, ensina-nos que: *“Ao revoltar-se contra Deus o homem criou a rebelião dentro de si. Em consequência da perda do estado de inocência, a carne se rebelou contra o espírito”.*

Embora o batismo elimine o pecado original, as suas seqüelas continuam em nós: os sofrimentos, a doença, a morte, a propensão ao pecado (concupiscências – *“fomes peccati”*). O Concílio de Trento, o mais longo da história da Igreja (1545-1563), ensina-nos que:

“Deixada para os nosso combates, a concupiscências não é capaz de prejudicar aqueles que, não consentindo nela, resistem com coragem pela graça de Cristo”. Mais ainda: *“aquele que tiver combatido segundo as regras será coroado (2Tm 2,5)”* (CIC nº 405, 1264). Sabemos que o Batismo não só nos purifica de todos os pecados, como também faz-nos *“uma criatura nova”* (2Cor 5,17), um filho adotivo de Deus, *“participante da natureza divina”* (2 Pe 1,4), *“membro de Cristo”* (1Cor 12,27), *“co-herdeiro” com ele* (Rom 8,17), *“templo do Espírito Santo* (1Cor 6, 19). Além disso, o Catecismo da Igreja nos ensina que, pelo Batismo, a Santíssima Trindade dá ao batizado a *“graça santificante”*, e a *“graça da justificação”*, abre-o para as *“atividades teológicas”* (fé, esperança e caridade), para os Dons do espírito Santo (temor de Deus, sabedoria, ciência, entendimento, conselho, fortaleza e piedade) e permite-lhe crescer no bem pelas *“virtudes morais”* (CIC nº 1266).

Santo Agostinho entendia que a permanência da concupiscências em nós, mesmo após o Batismo, é uma maneira que temos de *provar a Deus o nosso amor a Ele*, lutando contra o pecado, por amor ao Senhor. É sobretudo, no rompimento radical com o pecado que damos a Deus prova rela do nosso amor a Ele. Jesus disse aos apóstolos na última Ceia: *“Se me amais, guardais os meus mandamentos”* (Jo 14,15). Guardar os mandamentos é a prova do amor para com Jesus. Quem obedece aos seus mandamentos não peca.

Jesus retomou os Dez Mandamentos que há mil anos antes Deus já tinha dado a Moisés, e levou-os à plenitude no Sermão da Montanha. Quando aquele jovem perguntou-lhe: *“Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?”* (Mt 19,16), Jesus respondeu dizendo: *“Se queres entrar na vida guarda os mandamentos”*; e fez questão de citá-los: *“Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra pai e mãe, amarás teu próximo como a ti mesmo”* (Dt 5, 16,20; Lv 19,18).

Os Dez Mandamentos são a *salvaguarda contra o pecado*. Por isso o primeiro compromisso de quem almeja a santidade deve ser o compromisso de viver, na íntegra, os Mandamentos.

Deus deu a Moisés duas pedras, contendo as *“Dez Palavras”*, os Dez Mandamentos. Na primeira estavam aqueles que se referem ao amor a Deus (1º, 2º e 3º); e na segunda, aqueles que se referem ao amor ao próximo (4º ao 10º). Ao levá-los à perfeição Jesus enfatizou a sua essência: *“o amor a Deus e o amor ao próximo”*. É por esse duplo amor que deixamos o pecado. Só esse amor entranhado a Deus e a cada pessoa, filho amado de Deus, imagem e semelhança de Deus – é que nos dará a motivação necessária para viver na Lei de Deus, romper com o pecado e chegar à santidade. Santo Agostinho dizia que essas são as duas asas que Deus nos deu para voar alto e chegar aos céus, o amor a Deus e o amor ao próximo.

Quando aquele fariseu, doutor da lei, fez a Jesus a pergunta: *“Mestre, qual é o maior mandamento da lei?”*, então, o Senhor, com a sua resposta revelou-nos a *“essência”* da Lei:

“Amará o Senhor Teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo teu espírito (Dt 6,5). Este é o maior e primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás teu próximo como a ti mesmo (Lev 19, 18)”.

E Jesus não tem dúvida em acrescentar que: *“Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas”* (Mt 22, 34, 40).

Os Mandamentos nos ajuda a compreender e a viver ente amor a Deus e aos irmãos, que nos levam à santidade e ao rompimento com a *desordem*, como Santo Agostinho chamava o pecado.

Se ainda pecamos, se ainda não somos santos, é porque ainda o amor a Deus e ao próximo não atingiu a sua plenitude em nós; pois, a santidade é uma história de amor.

Para compreendermos toda a hediondez do pecado, toda a sua feiúra e maldade, temos que contemplar cuidadosamente Jesus crucificado. Este foi o preço que Ele *pagou para tirar o pecado do mundo*. Somente contemplando demoradamente as chagas do nosso divino Redentor, a sua coroa de espinhos, os seus açoitos, os seus cravos, as suas feridas... é que poderemos ter em conta toda a tristeza que o pecado representa. A carta aos hebreus chega a nos dizer: *“Ainda não resistes até ao sangue na luta contra o pecado”* (Hb 12,4). Nesta luta é preciso chegar até ao sangue, se for preciso, como Jesus o fez.

Com a busca da oração, do sacramento, da confissão, da comunhão, com a penitência, o jejum e a oração travaremos uma batalha contra o pecado buscando a conversão do coração e a nossa santificação.

Vamos com coragem buscar a graça e sermos vitoriosos em Cristo.

Precisamos refletir através destes textos com seriedade, sabendo sim que Deus é amor, e ao tomarmos conhecimento da verdade não podemos brincar com Seu amor e com as nossas vidas, decidindo buscar antes de mais nada, a santidade obedecendo o primeiro chamado de Deus para não fazermos um sacrifício em vão no exercício das funções a qual fomos designados para cumprirmos a missão por Ele determinada, pois com certeza será para nós que Ele dirigirá esta passagem.

No Sermão da Montanha, Jesus foi claro: *“Nem todo aquele que me diz “Senhor, Senhor,” entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”* (Mt 7,21). E Jesus diz que a esses, mesmo que tenham profetizado em seu nome, expulsado demônios e feito muitos milagres, mesmo assim Ele lhes diria: *“Apartai-vos de mim, operários maus”* (7,22-23); isto é, fazendo todas estas coisas santas, não levastes uma vida irrepreensível, não fizestes a vontade de Deus.

AVIDA DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, na Numídia (atual Argélia), em 13 de novembro de 354; recebeu uma formação cultural clássica.

Era filho do pagão Patrício, africano romanizado, pequeno proprietário e que só se batizará na hora da morte, e da cristã Mônica. Tinha um irmão, Navílio, e uma irmã, Perpétua, que se tornou religiosa. Teve um filho de nome Adeodato, cuja existência não ultrapassou os 16 anos.

Para conhecer melhor a vida e conversão de Santo Agostinho, é preciso conhecer a vida de sua mãe Santa Mônica.

Dos filhos de Mônica e Patrício, Agostinho era o mais velho. Nenhum deles foi batizado enquanto pequeno. Os dois menores foram sempre motivo de alegria e consolo para Mônica, mas Agostinho, a fez sofrer por dezenas de anos em razão de seu temperamento rebelde. Mesmo dando bons conselhos e educando o filho nos princípios da religião cristã, a vivacidade, inconstância e o espírito de insubordinação de Agostinho fizeram que a sábia mãe adiasse o seu batismo com receio que ele profanasse o sacramento. Na África velou pelas companhias e mestres do filho e pelos seus costumes.

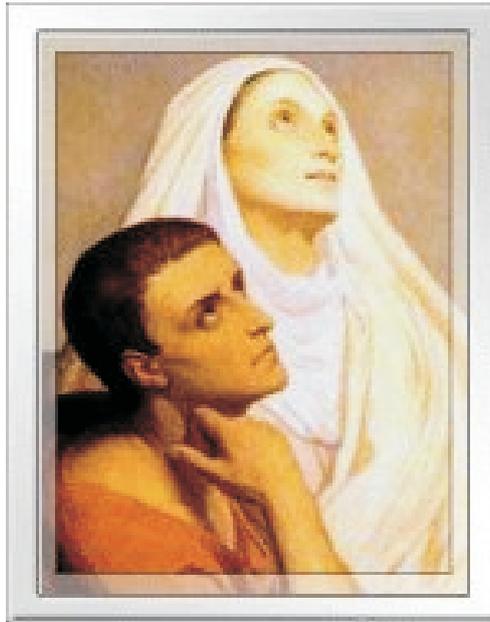
Tendo ficado viúva muito cedo, Santa Mônica se dedicou a cuidar de seus três filhos.

Patrício e Mônica tinham se dado conta de que seu filho mais velho era extraordinariamente inteligente, e por isso o enviaram à capital do estado, a cidade de Cartago, para estudar filosofia, literatura e oratória. Mas Agostinho teve a desgraça de que seu pai não se interessasse por seus progressos espirituais. Somente lhe importava que tirasse boas notas, que brilhasse nas festas sociais e que se sobressaísse nos exercícios físicos, mas sobre a salvação de sua alma, não se interessava nem lhe ajudava em nada. E isto foi fatal para ele, pois foi caindo de mal a pior em pecados e erros.

Quando seu pai morreu, Agostinho tinha 17 anos e começaram a chegar a Mônica notícias cada vez piores, de que o jovem levava uma vida pouco santa, por isso redobrava as orações e penitências. Em uma doença, frente o temor da morte, se fez instruir sobre a religião e propôs tornar-se católico, mas ao ser curado da doença abandonou o propósito de fazê-lo. Finalmente, tornou-se sócio de uma seita chamada dos Maniqueus, que afirmavam que o mundo não tinha sido feito por Deus, mas pelo Diabo. Mônica era bondosa, mas não covarde, nem frouxa; ao voltar seu filho de férias e começar a ouvir as barbaridades contra a verdadeira religião, o expulsou de casa e fechou-lhe as portas, porque sob seu teto não queria abrigar inimigos de Deus.

UMA VISÃO: Mas aconteceu que nestes dias Mônica teve um sonho. Nesse sonho viu-se de pé sobre uma régua de madeira. Um jovem muito resplandecente e alegre veio ao seu encontro a sorrir-lhe, enquanto ela se conservava triste e amargurada. Perguntado-lhe ele as causas da tristeza e das lágrimas, não para saber, mas sim para instruí-la e, respondeu ela que chorava por seu filho Agostinho, mandou-a sossegar, aconselhando-a a que atendesse e visse que onde ela se encontrava lá estaria seu filho também. Apenas olhou, e vi-o junto de si, de pé, na mesma régua.

Narrou ao garoto o sonho tido e ele disse, cheio de orgulho, disse que isso significava que ela se tornaria maniqueísta como ele. Mas ela respondeu-lhe: *"Não, não me foi dito: onde ele está, aí estarás tu; mas sim: onde tu estás, aí estará ele também"*.



Esta hábil resposta impressionou muito a seu filho, que mais tarde a considerava como uma inspiração do céu.

A respeito deste sonho Santo Agostinho narra mais tarde em seu livro: "Confissões"– *"... Mais do que o próprio sonho, abalou-me então aquela Vossa resposta dada por intermédio da solicitude de minha mãe. Esta não se perturbou com minha interpretação falsa, mas tão prontamente viu o que devia ver, e o que eu, na verdade, não vira, antes que ela o dissesse"*. E continua: *"Seguiram-se, efetivamente, quase nove anos, mais, em que, tentando muitas vezes levantar-me, caía mais gravemente e me revolvia nesse lodo profundo e nas trevas da mentira. Entretanto, aquela viúva casta, piedosa e sóbria como Vós a quereis já, certamente, mais alegre pela*

esperança, mas não menos remissa em pranto e gemidos, não se cansava de Vos fazer queixa de mim, durante horas em que orava. As suas preces chegaram à Vossa presença...."Mas Vós, lá do alto, estendestes a mão e arrancastes a minha alma desta voragem tenebrosa, enquanto minha mãe, Vossa fiel serva, junto de Vós chorava por mim mais do que as outras mães choram sobre os cadáveres dos filhos. É que ela, com o espírito de fé com que a dotastes, via a morte da minha alma".

Por muitos séculos foi muito comentada a bela resposta que um bispo deu a Mônica quando ela lhe contou que passou anos e anos rezando, oferecendo sacrifícios e fazendo rezar a sacerdotes e amigos pela conversão de Agostinho. Ela pediu a ele que falasse com Agostinho, para que ele se afastasse do mal.

O bispo, porém se recusou a falar com Agostinho, respondendo a Santa Mônica, que ele era ainda indócil e por estar envolvido com a novidade do Maniqueísmo acrescentou: *"Deixe-o ficar onde está; limite-se a rezar por ele a Deus; pela leitura (do maniqueísmo) ele mesmo reconhecerá o erro e quão grande é a sua impiedade"*.

Mas Santa Mônica ainda em súplicas e lágrimas insistiu para que ele fosse falar com seu filho, ao que o bispo já um pouco bravo respondeu-lhe: *"Fique tranqüila, é impossível que se perca o Filho de tantas lágrimas"*.

Esta admirável resposta e o que tinha escutado em sonho, a enchia de consolo e esperança, apesar de que Agostinho não dava o menor sinal de arrependimento.

Agostinho tornou-se um brilhante professor de retórica em Cartago. Aos 29 anos já era doutor, e decidiu ir a Roma dar aulas, e depois foi para Milão, onde conseguiu o cargo de professor oficial de retórica. A mãe se propôs em ir com ele para livrá-lo de todos os perigos morais. Mas Agostinho fez uma armadilha para a mãe (da qual se arrependeu muito mais tarde). Ao chegar junto ao mar disse a Mônica que fosse rezar no templo, enquanto ia visitar a um amigo, e o que fez foi subir no barco e sair rumo a Roma, deixando-a sozinha, mas Mônica não era uma mulher fraca para se deixar derrotar facilmente. Tomou outro barco e se dirigiu a Roma, porém Agostinho já estava em Milão, e Mônica segue para lá e o encontra.

Sobre este fato narra Santo Agostinho: *"Minha mãe, forte na piedade, já tinha vindo ao meu encontro, seguindo-me por*

terra e por mar, com a segurança posta em Vós, no meio de todos os perigos. Era ela que, nos riscos dos mares, incutia coragem aos próprios marinheiros que costumam animar os inexperientes navegadores. Encontrou-me em grave perigo, na desesperação de buscar a verdade; mas enfim, descobrindo-lhe que já não era maniqueísta e que também ainda não era católico, não saltou de alegria, apesar de já estar sossegada por eu abandonar parte da minha miséria, que a fazia chorar por mim como por um morto. Minha mãe oferecia-me a Vós, em seu pensamento. Não foi, portanto, com imoderado júbilo que seu coração estremeceu, ao ouvir que em grande parte me tinha convertido, graça que ela todos os dias Vos pedia com lágrimas. Ainda não havia alcançado a verdade, mas já me tinha arrancado do erro. Tendo a certeza de que Vós, que lhe prometestes a graça total, me daríeis o que faltava, respondeu-me com grande calma e com o coração cheio de confiança, que esperava em Cristo que, antes de partir desta vida, me havia de ver fiel católico”.

A CONVERSÃO DE AGOSTINHO: Em Milão Mônica se encontrou com o Santo mais famoso da época, Santo Ambrósio, arcebispo dessa cidade. Nele encontrou um verdadeiro pai cheio de bondade e de sabedoria que foi guiando-a com seus prudentes conselhos. Além disso, Agostinho ficou impressionado por sua enorme sabedoria e a poderosa personalidade de Santo Ambrósio e começou a escutá-lo com profundo carinho e a mudar suas idéias e entusiasmar-se pela fé católica.

A respeito da relação de Santa Mônica com Santo Ambrósio narra Santo Agostinho: “Ela amava este homem como um anjo de Deus, porque sabia que fora ele quem me tinha levado a flutuar nesta dúvida (o conhecimento da verdade que é Deus)”.

E aconteceu que no ano 386, aos 32 anos Agostinho, ao ler algumas frases de São Paulo se propôs a mudar de vida, este foi um episódio singular e misterioso para o próprio Agostinho, que pareceu ouvir uma voz de criança cantando: “Toma e lê”. Abriu o livro e leu as palavras do apóstolo Paulo: “Não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes. Mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,13)

Enviou longe a mulher com a qual vivia em união livre, deixou seus vícios e maus costumes, decidindo consagrar-se totalmente ao serviço de Cristo no estado de castidade.

Se fez instruir na religião e na festa da Páscoa da Ressurreição no ano 387 Santo Ambrósio batizou Agostinho junto com seu filho Adeodato, na igreja de São João Batista em Milão. Agostinho, agora convertido, dispôs voltar com sua mãe, seu irmão e seu filho, a sua terra, na África em veste de penitência; aí foi ordenado sacerdote em 391 e depois bispo de Hipona (hoje Bona) em 396.

Mônica já tinha conseguido tudo o que esperava nesta vida, que era a conversão de seu filho. Já poderia morrer tranqüila. E aconteceu que estando em uma casa junto ao mar, à noite ao ver o céu estrelado conversando com Agostinho sobre como serão as alegrias que teria no céu, ambos se emocionavam comentando e meditando as alegrias celestiais que os esperavam. Em determinado momento exclamou entusiasmada: “Meu filho, quanto a mim não existe nada que me atraia nesta vida. Nem sei mesmo o que estou fazendo aqui, e porque ainda existo. Uma única coisa me fazia desejar viver ainda um pouco: ver-te cristão antes de morrer. Deus me concedeu algo mais e melhor: ver-te desprezar as alegrias terrenas e só a Ele servir. O que faço ainda aqui? Tudo o que desejava consegui de Deus”.

Pouco depois invadiu-lhe uma febre, e no nono dia a doença se agravou e ela morreu.

Santo Agostinho confessa que, depois de Deus, tudo deve a sua mãe, por isso fala dela com tanto carinho e lágrimas, quando recorda a sua morte: “..Não quero calar os sentimentos que me brotam da alma, acerca desta Vossa serva, que, pela carne, me concebeu para a vida temporal, e pelo coração me fez nascer para a vida eterna.”

Escreveu obras muito importantes como: *Confissões* (398), *Catequese dos catecúmenos* (400) e a grande obra *A doutrina cristã* (427). Escreveu também sua grande síntese histórica, *A cidade de Deus*, e, enfim, a grande obra-prima *A Trindade* (de 412 a 427). Depois das *Retratações*, ou seja, da revisão de suas numerosas obras (113 livros e 218 cartas), teve de assistir ao cerco da cidade pelos vândalos arianos, que tinham invadido a África (430), procedentes da Espanha.

Santo Agostinho, amado e venerado pelos humaníssimos dons de coração e de inteligência, morreu pouco antes de completar 76 anos de idade a 28 de agosto de 430 em Hippo Regius, antiga cidade próxima à moderna Bona, na Argélia. É considerado um dos maiores e mais influentes Padres da Igreja.



Oração de Santo Agostinho

“Diante de Vós, Senhor, apresentamos o fardo dos nossos crimes e simultaneamente as feridas que por causa deles recebemos. Se pensarmos no mal que fizemos, é bem pouco o mal que sofremos e muito maior o que merecemos. Foi grave o que ousamos cometer e leve o que agora sofremos. Sentimos que é dura a pena do pecado e no entanto não nos decidimos deixar a ocasião dele. A nossa fraqueza geme esmagada sob o peso dos castigos com que nos punis justamente, e a nossa maldade não quer se desfazer dos seus caprichos. O espírito anda atormentado, mas a cerviz não se verga. A nossa vida suspira no meio das dores e não nos corrigimos.

Se contemporizardes conosco, não nos emendamos, e se tirais de nós vingança, gritamos que não podemos. Se nos castigais, sabemos declarar que somos réus, mas se afastais por um pouco a Vossa ira, esquecemos logo o que deploramos.

Se levantardes a mão, logo prometemos a emenda, se retirais a espada, já nos esquecemos da promessa. Se nos feris, gritamos que nos perdoeis, se nos perdoais logo entramos de Vos provocar. Tendes-nos aqui, Senhor, diante de Vós, confessamos os nossos pecados; se Vos não amerceais de nós, aniquilar-nos-á a Vossa justiça.

Concedei-nos Pai onipotente, o que sem merecimento algum de nossa parte Vos pedimos, Vós que nos tirastes do nada. Por Nosso Senhor Jesus Cristo”. Amém.

MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA O 47º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

(25 DE ABRIL DE 2010 - IV DOMINGO DE PÁSCOA)

Tema: O testemunho suscita vocações.

Veneráveis Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio, Amados Irmãos e Irmãs!

O 47º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que será celebrado no IV Domingo de Páscoa – Domingo do «Bom

Pastor» –, a 25 de Abril de 2010, oferece-me a oportunidade de propor à vossa reflexão um tema que quadra bem com o Ano Sacerdotal: *O testemunho suscita vocações*. De facto, a fecundidade da proposta vocacional depende primariamente da acção gratuita de Deus, mas é favorecida também – como o confirma a experiência pastoral – pela qualidade e riqueza do testemunho pessoal e comunitário de todos aqueles que já responderam ao chamamento do Senhor no ministério sacerdotal e na vida consagrada, pois o seu testemunho pode suscitar noutras pessoas o desejo de, por sua vez, corresponder com generosidade ao apelo de Cristo. Assim, este tema apresenta-se intimamente ligado com a vida e a missão dos sacerdotes e dos consagrados. Por isso, desejo convidar todos aqueles que o Senhor chamou para trabalhar na sua vinha a renovarem a sua fidelidade de resposta, sobretudo neste Ano Sacerdotal que proclamei por ocasião dos 150 anos de falecimento de São João Maria Vianney, o Cura d'Ars, modelo sempre atual de presbítero e pároco.

Já no Antigo Testamento os profetas tinham

José, de Nazaré» (*Jo* 1,45). A iniciativa livre e gratuita de Deus cruza-se com a responsabilidade humana daqueles que acolhem o seu convite, e interpela-os para se tornarem, com o próprio testemunho, instrumentos do chamamento divino. O mesmo acontece, ainda hoje, na Igreja: Deus serve-se do testemunho de sacerdotes fiéis à sua missão, para suscitar novas vocações sacerdotais e religiosas para o serviço do seu Povo. Por esta razão, desejo destacar três aspectos da vida do presbítero, que considero essenciais para um testemunho sacerdotal eficaz.

Elemento fundamental e comprovado de toda a vocação ao sacerdócio e à vida consagrada é a amizade com Cristo. Jesus vivia em constante união com o Pai, e isto suscitava nos discípulos o desejo de viverem a mesma experiência, aprendendo d'Ele a comunhão e o diálogo incessante com Deus. Se o sacerdote é o «homem de Deus», que pertence a Deus e ajuda a conhecê-Lo e a amá-Lo, não pode deixar de cultivar uma profunda intimidade com Ele e permanecer no seu amor, reservando



consciência de que eram chamados a testemunhar com a sua vida aquilo que anunciavam, prontos a enfrentar mesmo a incompreensão, a rejeição, a perseguição. A tarefa, que Deus lhes confiara, envolvia-os completamente, como um «fogo ardente» no coração impossível de conter (cf. *Jr* 20,9), e, por isso, estavam prontos a entregar ao Senhor não só a voz, mas todos os elementos da sua vida. Na plenitude dos tempos, será Jesus, o enviado do Pai (cf. *Jo* 5,36), que, através da sua missão, testemunha o amor de Deus por todos os homens sem distinção, com especial atenção pelos últimos, os pecadores, os marginalizados, os pobres. Jesus é a suprema Testemunha de Deus e da sua ânsia de que todos se salvem. Na aurora dos novos tempos, João Baptista, com uma vida gasta inteiramente para preparar o caminho a Cristo, testemunha que, se cumprem, no Filho de Maria de Nazaré, as promessas de Deus. Quando O vê chegar ao rio Jordão, onde estava a batizar, João indica-O aos seus discípulos como «o cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo» (*Jo* 1,29). O seu testemunho é tão fecundo que dois dos seus discípulos, «ouvindo o que ele tinha dito, seguiram Jesus» (*Jo* 1,37).

Também a vocação de Pedro, conforme no-la descreve o evangelista João, passa pelo testemunho de seu irmão André; este, após ter encontrado o Mestre e aceite o seu convite para permanecer com Ele, logo sente necessidade de comunicar a Pedro aquilo que descobriu «permanecendo» junto do Senhor: «“Encontramos o Messias” (que quer dizer Cristo). E levou-o a Jesus» (*Jo* 1,41-42). O mesmo aconteceu com Natanael – Bartolomeu –, graças ao testemunho doutro discípulo, Filipe, que cheio de alegria lhe comunica a sua grande descoberta: «Acabamos de encontrar Aquele de quem escreveu Moisés na Lei e que os Profetas anunciaram: é Jesus, o filho de

tempo para a escuta da sua Palavra. A oração é o primeiro testemunho que suscita vocações. Tal como o apóstolo André comunica ao irmão que conheceu o Mestre, assim também quem quiser ser discípulo e testemunha de Cristo deve tê-Lo «visto» pessoalmente, deve tê-Lo conhecido, deve ter aprendido a amá-Lo e a permanecer com Ele.

Outro aspecto da consagração sacerdotal e da vida religiosa é o dom total de si mesmo a Deus. Escreve o apóstolo João: «Nisto conhecemos o amor: Jesus deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos» (*1 Jo* 3,16). Com estas palavras, os discípulos são convidados a entrar na mesma lógica de Jesus que, ao longo de toda a sua vida, cumpriu a vontade do Pai até à entrega suprema de Si mesmo na cruz. Manifesta-se aqui a misericórdia de Deus em toda a sua plenitude; amor misericordioso que derrotou as trevas do mal, do pecado e da morte. A figura de Jesus que, na Última Ceia, Se levanta da mesa, depõe o manto, pega numa toalha, ata-a à cintura e Se inclina a lavar os pés aos Apóstolos, exprime o sentido de serviço e doação que caracterizou toda a sua vida, por obediência à vontade do Pai (cf. *Jo* 13,3-15). No seguimento de Jesus, cada pessoa chamada a uma vida de especial consagração deve esforçar-se por testemunhar o dom total de si mesma a Deus. Daqui brota a capacidade para se dar depois àqueles que a Providência lhe confia no ministério pastoral, com dedicação plena, contínua e fiel, e com a alegria de fazer-se companheiro de viagem de muitos irmãos, a fim de que se abram ao encontro com Cristo e a sua Palavra se torne luz para o seu caminho. A história de cada vocação cruza-se quase sempre com o testemunho de um sacerdote que vive jubilosamente a doação de si mesmo aos irmãos por amor do Reino dos Céus. É que a presença e a palavra de um padre são capazes de despertar interrogações e de

conduzir mesmo a decisões definitivas (cf. João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, 39).

Um terceiro aspecto que, enfim, não pode deixar de caracterizar o sacerdote e a pessoa consagrada é viver a comunhão. Jesus indicou, como sinal distintivo de quem deseja ser seu discípulo, a profunda comunhão no amor: «É por isto que todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). De modo particular, o sacerdote deve ser um homem de comunhão, aberto a todos, capaz de fazer caminhar unido todo o rebanho que a bondade do Senhor lhe confiou, ajudando a superar divisões, sanar lacerações, aplanar contrastes e incompreensões, perdoar as ofensas. Em Julho de 2005, no encontro com o Clero de Aosta, afirmei que os jovens, se virem os sacerdotes isolados e tristes, com certeza não se sentirão encorajados a seguir o seu exemplo. Levados a considerar que tal possa ser o futuro de um padre, vêem aumentar a sua hesitação. Torna-se importante, pois, realizar a comunhão de vida, que lhes mostre a beleza de ser sacerdote. Então, o jovem dirá: «Isto pode ser um futuro também para mim, assim pode-se viver» (*Insegnamenti*, vol. I/2005, 354). O Concílio Vaticano II, referindo-se ao testemunho capaz de suscitar vocações, destaca o exemplo de caridade e de fraterna cooperação que devem oferecer os sacerdotes (cf. Decreto *Optatam totius*, 2).

Apraz-me recordar o que escreveu o meu venerado predecessor João Paulo II: «A própria vida dos padres, a sua dedicação incondicional ao rebanho de Deus, o seu testemunho de amoroso serviço ao Senhor e à sua Igreja – testemunho assinalado pela opção da cruz acolhida na esperança e na alegria pascal –, a sua concórdia fraterna e o seu zelo pela evangelização do mundo são o primeiro e mais persuasivo fator de fecundidade vocacional» (*Pastores dabo vobis*, 41). Poder-se-ia afirmar que as vocações sacerdotais nascem do contato com os sacerdotes, como se fossem uma espécie de patrimônio precioso comunicado com a palavra, o exemplo e a existência inteira.

Isto aplica-se também à vida consagrada. A própria existência dos religiosos e religiosas fala do amor de Cristo, quando O seguem com plena fidelidade ao Evangelho e assumem com alegria os seus critérios de discernimento e conduta. Tornam-se «sinais de contradição» para o mundo, cuja lógica freqüentemente é inspirada pelo materialismo, o egoísmo e o individualismo. A sua fidelidade e a força do seu testemunho, porque se deixam conquistar por Deus renunciando a si mesmos, continuam a suscitar no ânimo de muitos jovens o desejo de, por sua vez, seguirem Cristo para sempre, de modo generoso e total. Imitar Cristo casto, pobre e obediente e identificar-se com Ele: eis o ideal da vida consagrada, testemunho do primado absoluto de Deus na vida e na história dos homens.

Fiel à sua vocação, cada presbítero, cada consagrado e cada consagrada transmite a alegria de servir Cristo, e convida todos os cristãos a responderem à vocação universal à santidade. Assim, para se promoverem as vocações específicas ao ministério sacerdotal e à vida consagrada, para se tornar mais forte e incisivo o anúncio vocacional, é indispensável o exemplo daqueles que já disseram o próprio «sim» a Deus e ao projeto de vida que Ele tem para cada um. O testemunho pessoal, feito de opções existenciais e concretas, há-de encorajar, por sua vez, os jovens a tomarem decisões empenhativas que envolvem o próprio futuro. Para ajudá-los, é necessária aquela arte do encontro e do diálogo capaz de os iluminar e acompanhar sobretudo através do exemplo de vida abraçada como vocação. Assim fez o Santo Cura d'Ars, que, no contato permanente com os seus paroquianos, «ensinava sobretudo com o testemunho da vida. Pelo seu exemplo, os fiéis aprendiam a rezar» (*Carta de Proclamação do Ano Sacerdotal*, 16/06/2009).

Que este Dia Mundial possa oferecer, uma vez

mais, preciosa ocasião para muitos jovens refletirem sobre a própria vocação, abrindo-se a ela com simplicidade, confiança e plena disponibilidade. A Virgem Maria, Mãe da Igreja, guarde o mais pequenino germen de vocação no coração daqueles que o Senhor chama a segui-Lo mais de perto; faça com que se torne uma árvore frondosa, carregada de frutos para o bem da Igreja e de toda a humanidade. Por esta intenção rezo, enquanto concedo a todos a Bênção Apostólica.

Homilia do Papa Bento XVI na Capela Papal para a Canonização de Beatos (Basílica Vaticana, Domingo, 11 de Outubro de 2009)

"Vem e segue-Me!". Eis a vocação cristã que brota de uma proposta de amor do Senhor, e que só se pode realizar graças a uma nossa resposta de amor. Jesus convida os seus discípulos ao dom total da sua vida, sem cálculos nem vantagens humanas, com uma confiança em Deus sem hesitações. Os santos acolhem este convite exigente, e põem-se com docilidade humilde no seguimento de Cristo crucificado e ressuscitado. A sua perfeição, na lógica da fé por vezes humanamente incompreensível, consiste em não colocar a si mesmos no centro, mas em escolher ir contra a corrente vivendo segundo o Evangelho.

Bibliografia:

Livros:

- 1) "Sede Santos" - Felipe Aquino
- 2) "Vocação Convite para Servi'r" – Pe. José Dias Goulart
- 3) "Confissões"- Santo Agostinho – Editora Vozes

Sites:

- 1) <http://padreemilsonbento.blogspot.com/2010/03/e-segue-me-eis-vocacao-crista-que-brota.html>
- 2) <http://vida.de.santos.vilabol.uol.com.br/monica.htm>
- 3) <http://www.portalcatico.org.br>
- 4) <http://www.montfort.org.br>
- 5) http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20091113_xlvii-vocations_po.htm

Instituto de Música Santa Cecília

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone: (19) 3241-7706

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares